

**ABSOLUTAMENTE ABSOLUTO: DIFERENÇA E DEVER-SER. IN MEMORIAM
AO PROF. DR. CARLOS ROBERTO VELHO CIRNE-LIMA**

**ABSOLUTELY ABSOLUTE: DIFFERENCE AND MUST-BE. IN MEMORIAM TO
PROF. DR. CARLOS ROBERTO VELHO CIRNE-LIMA**

Wellington Lima Amorim ¹
Eduardo Weisz ²

RESUMO

O artigo tem a intenção de prestar uma homenagem ao saudoso Prof. Dr. Carlos Velho Cirne-Lima, falecido no dia 02 de julho de 2020. A trajetória intelectual do Prof. Cirne-Lima, como era conhecido, foi marcada por uma constante superação de contradições, desde sua passagem pela ordem religiosa dos jesuítas, pela atuação no magistério no período da ditadura militar e pela posição assumida diante do sistema hegeliano. Ao lado de Cirne-Lima, apresentamos mais dois expoentes brasileiros, Newton da Costa e Luiz Sérgio Coelho Sampaio, que, ao seu modo, apontam algo que escapou ao projeto da modernidade: as contradições e diferenças. Cirne-Lima formaliza o sistema hegeliano a partir de operadores lógico-matemáticos estabelecendo a contrariedade, ao invés da contradição, como princípio de coerência do sistema.

Palavras-chave: Contrariedade; Contradição; Sistema; Hegel; Cirne-Lima.

¹ Doutor em Ciências Humanas. Professor Associado, Departamento de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: wellington.amorim@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9716-8421>

² Doutorando em Filosofia, Doutorando, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: eduardoweisz00@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9780-4782>

ABSTRACT

The article intends to pay tribute to the late Prof. Dr. Carlos Velho Cirne-Lima, who died on July 2, 2020. The intellectual trajectory of Prof. Cirne-Lima, as it was known, was marked by a constant overcoming of contradictions, since its passage by the religious order of the Jesuits, by its performance in the magisterium during the period of the military dictatorship and by the position assumed before the Hegelian system. Along with Cirne-Lima, we present two more Brazilian exponents, Newton da Costa and Luiz Sérgio Coelho Sampaio, who, in their own way, point to something that escaped the project of modernity: contradictions and differences. Cirne-Lima formalizes the Hegelian system based on logical-mathematical operators, establishing contrariety, instead of contradiction, as a principle of system coherence.

Key words: Contrariety; Contradiction; System; Hegel; Cirne-Lima.

Artigo recebido em: 15/03/2023

Artigo aprovado em: 09/04/2023

Artigo publicado em: 21/06/2023

INTRODUÇÃO

Existem três grandes projetos filosóficos brasileiros, que expressam três formas divergentes de se fazer filosofia enquanto sistema. A primeira noção desta divergência pode ser compreendida a partir do projeto do filósofo dialético Carlos Roberto Velho Cirne-Lima, professor emérito da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS. A segunda noção pode ser encontrada no projeto de uma Lógica Paraconsistente, que tem como expoente máximo o lógico e filósofo Newton Carneiro da Costa, ocupante da cadeira número 25 da Academia Brasileira de Filosofia - ABF. Por fim, a terceira noção pode ser encontrada no projeto do filósofo da cultura brasileira, de Luiz Sérgio Coelho Sampaio. Todos buscam dar conta de algo que escapou à compreensão do projeto de modernidade no ocidente, que se deu no início no século XVIII com Kant, ou melhor, escapou à consciência de que o projeto moderno expulsa as contradições e diferenças, ou ainda, as outridades.

A busca filosófica destes pensadores brasileiros sempre foi, ou está sendo, em última instância, colocar em xeque o princípio da não-contradição. Por isso, eles estão sempre ao lado das lógicas não-clássicas. No caso do filósofo Newton da Costa, que foi capaz de provar ser possível criar sistemas lógicos que admitem a contradição, sem que esta seja expulsa do sistema ou o imploda de dentro para fora – coisas que foram objeto de constantes advertências por parte de Karl Popper. No entanto, até mesmo Da Costa admite ser impossível se atingir a verdade, e por isso, qualquer projeto científico e/ou filosófico busca sempre uma meia-verdade. Isto significa dizer, que a Lógica Paraconsistente não consegue dar conta do outlier, que representa, por exemplo, os dados espúrios em uma amostra estatística.

Por outro lado, o filósofo Carlos Roberto Cirne-Lima tentou reconstruir o sistema dialético hegeliano, em sua obra *Depois de Hegel*, tendo por referência a tradição neoplatônica. O fez partindo do conceito de contrariedade e buscando formalizar, através da linguagem lógico-matemática, a Ciência da Lógica de Hegel. Desta forma, segundo o autor, se a síntese dialética somente é possível a partir de proposições universais, sejam elas positivas ou negativas, então, quando Hegel nos fala de contradição, na verdade está se referindo à contrariedade e, portanto, não está rompendo com o princípio da coerência. Afinal, não pode haver síntese entre proposições universais, quer positivas ou negativas, com proposições particulares, sejam elas positivas ou negativas, pois o resultado disto seriam contradições. Iniciaremos nosso trabalho de revisitação do sistema hegeliano pela forma com que se percebe o Absoluto em diferenças que se suprassumem, na sequência mostraremos as implicações lógicas objetivadas em conceito mediante uma Lógica Hiperdialética, para, ao final, nosso processo reflexivo culminar em uma maneira de se pensar a diferença a partir da situação cultural concreta. Apesar de apresentarmos, no decorrer do trabalho referências a outros comentadores de Hegel, nossa ênfase está na atuação acadêmica do saudoso Cirne-Lima. Seu trabalho, tanto de clarificação como de

correção do sistema de Hegel, certamente dará a ele o mérito e o reconhecimento que lhe são devidos.

1 A PERCEPÇÃO DO ABSOLUTO COMO DIFERENÇAS SUPRASSUMIDAS

A problemática apresentada e refletida na obra de Cirne-Lima³ consiste, segundo Eduardo Luft, em “propor um novo projeto de sistema de filosofia, capaz, ao mesmo tempo, de reconstruir criticamente a herança neoplatônica e dialogar com a ciência contemporânea” (LUFT, 2008, p. 06). Cirne-Lima retoma as fontes neoplatônicas decodificando-as mediante operadores lógicos da matemática moderna. Podemos dizer que no guarda-chuva do projeto de Cirne-Lima estão dois intentos diante do sistema hegeliano: num primeiro momento, o de esclarecer Hegel e, num segundo, de o corrigir. Sobre o primeiro, Cirne-Lima busca na lógica analítica formalizar o sistema hegeliano, no sentido de o tornar compreensível. Em aulas, Cirne-Lima constantemente repetia que “é importante falar de Hegel sem usar o hegelianês, é preciso esclarecê-lo”. Contudo, entra aqui o segundo aspecto acima mencionado, o projeto de Cirne-Lima é tão ousado que, tal como ele mesmo repetia em aulas, “eu faço o que hegeliano nenhum faz, eu corrijo Hegel”. O que para alguns poderia parecer soberba, para outros significa pioneirismo. Cirne-Lima se mostrou sempre uma mente

³ Carlos Roberto Cirne-Lima nasceu em Porto Alegre no ano 1931. Foi aluno de um renomado Colégio da capital gaúcha, o Colégio Anchieta, dirigido pelos jesuítas. Foi lá, inclusive, que despertou sua vocação à vida religiosa jesuíta, onde viveu durante vinte anos. Como desde muito jovem mostrou inclinação aos estudos, foi enviado a realizar a maior parte de sua formação clássica da Companhia de Jesus na Alemanha, à saber os estudos de Filosofia e Teologia, no renomado centro de formação da ordem em Berchmannskolleg Pullach Bei München. Cirne-Lima quando em seu período de doutorado em Innsbruck na Austria no ano de 1959, viveu os inícios do Concílio Vaticano II, o que representou para ele como uma das contradições a serem enfrentadas. Diante da situação confusa que a Igreja Católica vivenciava, um grande número de religiosos decidiu deixar a vida religiosa, o que também fez Cine-Lima, o que ele qualificou como um vento marxista que passou a soprar sobre a Igreja. De volta ao Brasil, em 1968, Cirne-Lima passa a lecionar na UFRGS. Contudo, no ano seguinte, teve que enfrentar uma nova contradição, ter que deixar de lecionar por causa da repressão militar. Seu retorno ao magistério se deu apenas no ano de 1979. De 1991 a 1999 passa ser professor na PUCRS e de 2000 a 2008 na Unisinos.

muito aberta, disposta a desconstruir pressupostos academicistas fossilizados para injetar uma dose de ar puro e renovador, seguindo o impulso da mudança com rigor, acuidade e criticidade. Propõe a correção do projeto hegeliano de sistema ao abandonar a sua tendência ao necessitarismo, abrindo espaço para uma teoria da liberdade em política e ética, pois “o corajoso abandono das pretensões de fundamentação última do conhecimento; e a ênfase em um diálogo profícuo com as diversas tradições filosóficas” (LUFT, 2008, p.07). A percepção de certas incompatibilidades ao interior do sistema hegeliano, que demandam da própria exigência dialética, como da necessidade, da contingência e do dinamismo dialético, fazem com que a tese hegeliana de um acabamento, um Absoluto e completude do saber sejam impossíveis.

A tese DE Cirne-Lima somente poderá ser compreendida se nos debruçarmos no primeiro capítulo da terceira seção da segunda parte da *Ciência da Lógica*, quando Hegel apresenta seu conceito de Absoluto, que deve ser entendido como algo indeterminável enquanto identidade, no sentido de que “todas as determinidades da essência e da existência ou do Ser em geral, bem como da reflexão, dissolveram-se dentro dela” (HEGEL, 2017, p. 193). Assim, o Absoluto deve ser entendido ao mesmo tempo como a afirmação e a negação absoluta de todos os predicados concebíveis – se trata ao mesmo tempo do todo e do vazio. Neste sentido, deve ser entendido também como uma reflexão exterior capaz de captar ao mesmo tempo todas as determinações possíveis, enquanto possibilidade, em um contexto em que isto quer dizer também perceber suas limitações e delimitações, sua finitude e relatividade. Sobre a relatividade, entendido também como contingência, que Cirne-Lima apresenta uma correção ao sistema hegeliano. A fim de sanar o problema de superávit de necessidade no sistema, Cirne-Lima apresenta a adoção de uma dose de contingência, tornando, assim, o sistema mais flexível, para tanto, opera pela substituição do operador lógico da contradição para apresentar o da contrariedade. Assim, se duas teses são contrárias não se poderá caminhar para uma síntese, pois não terá a força necessária para

impulsionar o movimento histórico-dialético, resultando no seu enrijecimento e consequente colapso. Paulo Roberto Margutti Pinto, com quem Cirne-Lima travou inúmeras discussões sobre este tema, recorda que:

Como pensador de tendências analíticas que sou, creio que Cirne-Lima tem razão ao criticar certos erros em Hegel. Um deles, em minha opinião, está na idéia de que a tese, em sua evolução histórica, caminhará em direção à sua contraditória, que se expressará na antítese. Ora, não há sistema algum de lógica que seja capaz de gerar a antítese não-A a partir da tese A e permanecer consistente depois disso. O outro erro está em supor que a síntese possa ser formada pela conjunção de A com não-A. Uma vez admitido que a síntese seja formada por essa conjunção, o sistema hegeliano se torna trivial, no sentido de poder provar qualquer coisa. Aliás, esse é um dos maiores problemas da Ciência da Lógica, que, ao fim e ao cabo, prova absolutamente tudo, não deixando coisa alguma fora do sistema. Cirne-Lima tenta superar esses erros, alegando que a oposição entre tese e antítese é por contrariedade e não por contradição (MARGUTTI, 2008, p. 09)

Ao se propor repensar o sistema de Hegel mediante a lógica formal, Cirne-Lima compra briga com hegelianos e analíticos, ou melhor, Cirne-Lima convida o leitor, não a repetir Hegel, mas a repensá-lo

Sua proposta não é exegetica, mas dialética no sentido mais autêntico da expressão. Como discípulo autêntico de Hegel, Cirne-Lima, embora extraia sua inspiração do mestre, se propõe a superá-lo, utilizando elementos de lógica formal que são caros aos pensadores analíticos. Com isso, ele provoca [...] não só os hegelianos tradicionais, que não vêem com bons olhos a lógica formal, mas também os filósofos de tendência analítica, como eu, que não vêem com bons olhos a lógica dialética hegeliana. O resultado é um debate muito estimulante e frutífero em torno do significado da obra de Hegel para nós hoje (MARGUTTI, 2008, p. 10).

O projeto do Cirne-Lima visa não complicar mais do que o próprio sistema hegeliano o faz, bem como também, parte da comunidade hegeliana, mas tornar o sistema, além de acessível, apto a responder questões da vida humana em sua totalidade, tal como ele se expressa em seu excelente trabalho dedicado a traduzir o sistema de Hegel:

Fazer filosofia hoje é como montar um grande quebra-cabeça. As ciências [...] são recortes parciais do grande quebra-cabeça que é a Filosofia, a Ciência Universalíssima. Cada uma das ciências particulares monta o seu pedaço particular, ou seja, cada uma delas trata de algumas figuras. Nenhuma delas se preocupa e se encarrega da composição total do grande mosaico que é a Filosofia, a razão, o sentido do universo [...]) Fazer Filosofia significa jogar o

jogo até o fim, isto é, montar as peças, de sorte que se possa ver a imagem global (CIRNE-LIMA, 1996, p. 13).

Portanto, refletir sobre a vida é refletir sobre o todo, o que inclui o próprio Absoluto. Por essa razão, esta reflexão externa acerca do Absoluto, como vínhamos discutindo, deve ser também capaz de vê-lo como a totalidade de todas as coisas que existem, tanto em potência quanto em atualidade – todas as coisas e suas negações enquanto partes de um todo. Por ser ao mesmo tempo o tudo e o nada, o Absoluto deve ser entendido para Hegel como essência, se olhado a partir de seu interior e como determinidade (ou Ser), se observado partindo-se de seu exterior. Neste sentido, seu exterior se determina essencialmente por estar relacionado com a reflexão, por significar uma identidade entre Ser e essência que não implica relação entre diferentes, mas afirmação de um fundamento único onde cada uma de suas partes é, ela mesma, o todo. No Absoluto, determinações como:

essência, mundo em si, todo, partes, força [...] [devem ser entendidas como] determinações refletidas [que] aparecem ao representar [o Absoluto] como ser válido em e para si, como Ser verdadeiro; mas, frente a elas, o Absoluto é o fundamento no qual elas sucumbiram [...] porque o Absoluto contém simultaneamente cada diferença e cada determinação de forma em geral, ou melhor, porque ele mesmo é a forma e a reflexão absolutas, então a diversidade do conteúdo também tem que existir nele (HEGEL, 2017, p. 194).

Ou seja, o Absoluto absorve em si (suprassume) tudo o que é interior e tudo o que é exterior a ele – tudo o que existe em potência (que é em si) e em atualidade (que aparece no real) se funde nele. A reflexão é o que acolhe a multiplicidade e as diferenças no Absoluto, refletindo seu movimento e dinamismo, mas, ao mesmo tempo, é também sua indiferenciação no sentido de que define o sucumbir destas. Expõe negativamente o múltiplo ao expressar a essência e inverte o processo possibilitando uma dialética. A exposição afirmativa do Absoluto pode ser definida como fundamento da multiplicidade, tornando-se ele transparente, no sentido de que o finito é absorvido pelo Absoluto, ou ainda, a finitude se torna invisível aos olhos, chegando-se no Absoluto enquanto percepção.

O problema é que, ao afirmar esta identidade absoluta entre determinação e essência, o que se obtém é uma percepção do Absoluto, obtida através de uma reflexão exterior, algo diferente de sua essência. Trata-se do Absoluto percebido através de uma determinação sua, expressão ou atributo. Isto quer dizer que, na Ciência da Lógica, um Ser finito que perceba o Absoluto através da reflexão, a ponto de se tornar razão pura, não deve ser entendido como alguém que encontrou a essência do Absoluto, mas como alguém que adquiriu uma percepção deste através de uma reflexão exterior ao mesmo. O Absoluto em questão não pode ser o que Hegel chama de “absolutamente Absoluto” e que reflete a identidade absoluta de todas as coisas que existem ou poderiam existir, pois se trata apenas de uma percepção de uma reflexão exterior deste. Por definição, algo limitado em escopo em relação ao “absolutamente Absoluto” hegeliano.

Vale dizer que, do ponto de vista do Absoluto, a identidade entre Ser e essência significa identidade do interior e do exterior e isto quer dizer que uma reflexão externa deve necessariamente refletir também o interno, estabelecendo assim uma diferenciação intransponível entre o humano e o divino que define, essencialmente, que o Homem jamais poderá ser entendido como um Deus em miniatura por suprasumir o Absoluto em si mesmo. Cabe questionar aqui até que ponto o Absoluto, definido pela Ciência da Lógica, pode ser entendido como resultado da ciência, uma vez considerada a diferença entre “absolutamente Absoluto” e “percepções exteriores do Absoluto”, no sentido de que esta distinção ontológica estabelece essencialmente um limite que, em essência, define uma forma de “idealismo radical” onde não pode existir “Conhecimento”, pois toda “percepção exterior do Absoluto” reflete algum tipo de ponto de vista, uma percepção relativa, e não o todo da realidade.

O conceito de Absoluto também é discutido em outro lugar da obra de Hegel, o capítulo VIII da “Fenomenologia do Espírito”. Neste livro Hegel desenvolve a ideia de um “eu” que gradativamente vai evoluindo sua percepção da realidade através de um processo dialético onde ele nega a si mesmo e depois absorve em si esta negação, suprassume em si seu eu anterior e sua negação, em uma nova forma de ver a si mesmo

e ao mundo que o cerca, em um processo metafórico de digestão e absorção. Na obra em questão, Hegel parte da “certeza sensível” e chega até um nível a que denomina “Absoluto”. No capítulo em questão, é definido como objetivo fenomenológico a superação da consciência enquanto tal. A proposta é que a consciência que a pessoa em questão tem de si mesma, seja superada, retornando ao “Si”. Aqui, partindo-se do princípio de que quem realmente existe é o ser que se afirma, Hegel propõe que a pessoa force a saída da consciência que tem de si mesma enquanto ser, a fim de tornar-se capaz de se colocar como objeto (Ser-outro), para finalmente absorver em si mesma o Ser-outro enquanto tal, apreendendo-o de acordo com cada uma de suas determinações. Para ele, a essência espiritual de um objeto deve ser entendida como esse conjunto de determinações e, assim sendo, apreendê-lo desta maneira significa capturar sua essência espiritual.

Esta percepção, a que Hegel denomina “saber Absoluto”, deve ser entendida como “o espírito que se sabe em figura-de-espírito, ou seja: é o saber conceituante” (HEGEL, 2018, p. 524). O que se dá desta forma porque “a verdade não é só em si perfeitamente igual à certeza, mas tem também a figura da certeza de si mesmo” (HEGEL, 2018, p. 524). O que significa, em termos mais concretos, que o conceito se converteu naquilo que a consciência percebe como a “forma da objetividade”: a ciência. Quais as implicações lógicas da objetivação em conceito sobre as percepções da consciência?

2 A CIÊNCIA, SABER QUE SE SABE DO ESPÍRITO DO MUNDO: A LÓGICA HIPEDIALÉTICA

Ter ciência de alguma coisa, a manifestação do espírito para a consciência acerca de determinado elemento ou produzido por esta, no que toca o elemento em questão, significa que quem percebe algo, tem consciência de alguma coisa que não é ele mesmo e funde-se com esta coisa. Absorve-a em si mesmo e, é daí que surge o conceito,

produto deste processo metafóricamente digestivo, que permite a elaboração de uma síntese. Este processo implica o não atingimento da substância (saber Absoluto) em um primeiro momento, mas caminha em sua direção à medida que estes movimentos de conceituação impelem a percepção em um movimento de expansão contínua. O que define um processo de enriquecimento que dura até o momento em que a estrutura completa das essências que compõe a substância tenha sido absorvida pela consciência. Logo:

nada é sabido que não esteja na experiência; [...] que não esteja presente como verdade sentida, como Eterno interiormente revelado, como o sagrado em que se crê, ou quaisquer outras expressões que sejam empregadas. Com efeito, a experiência é exatamente isto: que o conteúdo – e ele é o espírito – seja em si substância, e assim, objeto da consciência. [...] O espírito é em si o movimento que é o conhecer – a transformação [...] da substância no sujeito; do objeto da consciência em objeto da consciência-de-si; isto é, em objeto igualmente suprassumido, ou seja, no conceito (HEGEL, 2018, p. 526).

O espírito se consuma assim como “espírito do mundo” e a ciência como o verdadeiro saber deste sobre si mesmo:

unidade da extensão e do ser – [...] sujeito [que] é igualmente a substância. A substância, por si só, seria o intuir vazio de conteúdo, ou o intuir de um conteúdo que, como determinado, só teria acidentalidade, e seria sem necessidade. A substância valeria como Absoluto na medida em que fosse pensada ou intuída como a unidade absoluta; e todo o conteúdo, segundo sua diversidade, devesse recair fora dela na reflexão. [Ora], a reflexão não pertence à substância, pois a substância não seria sujeita, nem o que-se-reflete dentro de si e sobre si; ou seja, não seria conceituada como espírito. Ora bem, se ainda se devesse falar de conteúdo, seria, de uma parte, para lançá-lo no vazio abismo do Absoluto, e, de outra, ele seria recolhido externamente da percepção sensível: o saber pareceria ter chegado às coisas, à diferença dele mesmo e à diferença das coisas múltiplas – sem que se conceituasse como e donde [chegou lá] (HEGEL, 2018, pp. 527-528).

É importante observar que nesta passagem Hegel determina uma cisão radical entre a realidade concreta (substância intuída como Absoluto) e o espírito que confere significado a esta realidade. E isto cria o problema de se entender o que seria o saber para ele. No pensamento de Hegel, o espírito é aquele que realiza o movimento de sair de si mesmo, submerge na substância e a absorve em si, tornando-se sujeito e fazendo

da substância objeto e conteúdo. Conteúdo se torna conceito e este fundamenta o saber.

Assim,

se na ‘fenomenologia do espírito’ cada momento é a diferença entre o saber e a verdade, e [é] o movimento em que essa diferença se suprassume – ao contrário, a ciência não contém essa diferença e o respectivo suprassumir; mas, enquanto o momento que tem a forma do conceito, reúne em unidade imediata a forma objetiva da verdade [a forma] do Si que sabe (HEGEL, 2018, p. 529).

O conceito, portanto, passa a ser uma figura pura, algo que reflete movimento contínuo, pura determinidade. Do outro lado da moeda, o conceito também se mostra enquanto figura da consciência, essência explicitada enquanto simples mediação, como pensar. A ciência coloca-se para fora do conceito, que passa a tomar a forma de consciência – igualdade entre o conceito e o ser que conceitua, percepção intuitiva. A questão é que esta percepção significa delimitar o ser, definir seus limites em um contexto em que, a seus olhos, as coisas acontecem livremente e de forma contingente. Assim, este ser que se percebe limitado pelo tempo e pelo espaço extrusa a si mesmo, de forma viva e imediata ao se perceber natureza: eterno colocar-se para fora de si mesmo associado ao movimento que estabelece o sujeito.

Ao mesmo tempo, o espírito extrusado no tempo, a história entendida como um longo e lento suceder-se de espíritos é apreendida e incorporada ao ser. É sua rememoração o que conserva os espíritos que o precederam, formando um grande “Ser aí” que, composto por uma longa sucessão de espíritos que vão se substituindo uns aos outros, assumem de seu antecessor o “reino do mundo” em um contexto onde o reinar significa desenvolver-se, no sentido de revelar o que está nas profundezas: o conceito Absoluto. Conceito este que, suprassumido através de sua revelação, faz com que o Absoluto seja revelado tanto em sua extensão quanto em sua profundidade.

Vale observar que aqui o Absoluto é absorvido em si pelo ser, de forma que, nesta etapa da fenomenologia o homem se torna divino: absorveu em si tudo o que, em potência, poderia existir ao revelar o Absoluto em toda a sua profundidade, mas também suprassumiu tudo o que existe em atualidade ao revelar o Absoluto em toda

a sua extensão. Vale questionar, no entanto, como se dá o processo de absorção do Absoluto em toda a sua profundidade: como pode ser que, na Ciência da Lógica, que Hegel denominou “percepção exterior do Absoluto”, mas não essência, possa ser transformado em “absolutamente Absoluto”? Mais ainda, ao se perceber que o “absolutamente Absoluto”, por definição, contém, mas não está contido na “percepção exterior do Absoluto”, entende-se que, de acordo com a Ciência da Lógica, existe algo que está além, que transcende o “conceito Absoluto” da Fenomenologia do Espírito. O que significa que existe algo no “absolutamente absoluto” que não pode ser digerido metaforicamente pelo ser que suprassume em si as determinações e essência do Absoluto através de uma reflexão exterior a este, e que, é necessariamente diferente daquilo que Hegel denomina “essência do Absoluto”.

O revelar do absoluto, em toda a sua profundidade, ao mesmo tempo em que se suprassumiu tudo o que existe em atualidade, na extensão da Fenomenologia do Espírito, significa que o homem passa a ser expressão plena da “essência do Absoluto”. Porém, aparentemente, isto não torna o homem divino como Hegel afirma, pois, expressar ou revelar são noções que refletem a ideia a que, na Ciência da Lógica, Hegel denominou “percepção exterior do Absoluto”. Algo que difere conceitualmente daquilo que faz de Deus “absolutamente Absoluto” e que, portanto, faz do homem que se torna divino, apenas homem: ser finito e incapaz de absorver em si a essência da infinitude absoluta que faz da essência de Deus absolutamente Absoluta.

Este questionamento parece sugerir que a própria ideia da possibilidade de o ser suprassumir em si o ser outro, fazendo deste parte do seu ser em um processo de síntese pode, potencialmente, ser colocada em xeque, através da percepção de que a mesma limitação ontológica que parece ser aplicada, na Ciência da Lógica, à diferença entre ser “absolutamente Absoluto” e à “percepção exterior do Absoluto”, pode também ser aplicada a cada um dos momentos da evolução ser apresentados na Fenomenologia do Espírito. Talvez exista uma diferença ontológica insuperável no que toca os conceitos de Ser e perceber externamente que faz com que a possibilidade de

síntese deva ser percebida como algo meramente relacional, ao invés de ser um processo de absorver o Ser outro em si de forma a incorporá-lo no Ser que é. Cabe aprofundamento nas consequências, para o pensamento hegeliano, da aparente contradição lógica aqui apresentada. Em especial, no que toca o conceito de desenvolvimento – pedra de toque do pensamento de muitos dos pensadores influenciados por esta filosofia.

Tendo consciência dos projetos filosóficos descritos brevemente neste ensaio, procurei definir e pensar um sistema que tivesse por base a lógica da diferença que tem como expressão a inventividade da cultura brasileira, que consegue transformar o lixo em luxo, expressão temática que serviu para definir muitos de seus pensamentos e obras. Isto somente é possível, devido a nossa alma antropofágica que é capaz de devorar e digerir dialeticamente, sendo capaz de produzir uma cultura que tem por base a criatividade. Devorar é uma das formas possíveis de se conceber a fala cotidiana no Brasil reproduzindo nosso pensamento, que somente pode ser compreendido filosoficamente, a partir de uma lógica antropofágica, ou da diferença.

Por exemplo, para Sampaio, é no verbo comer que se expressa nossa filosofia. Se Platão pensa a filosofia em um banquete, no Brasil a originalidade está no matagal. É neste locus específico, nesta alcova, que o verbo comer ou ainda, devorar, se torna uma expressão do ato sexual, uma redescrição genuinamente brasileira. Isto se dá porque o ato de devorar no Brasil colônia acontecia entre as fruteiras, pomares, e por isso o verbo comer assumiu um novo sentido: copular. É importante frisar que foi Tarsila do Amaral, companheira de Oswald Andrade, a caipirinha, a responsável por ter conseguido captar em tela a centralidade de nosso pensar na clássica pintura “Abaporu”, que significa “homem que come gente”, uma junção dos termos “aba” (homem), “pora” (gente) e “ú” (comer).

O que isto quer dizer? O movimento modernista de 1922 tentou remodelar a cultura no Brasil, buscando introduzir no país o mundo industrializado, com pleno desenvolvimento econômico, político e social. Mas a partir deste cenário, ainda seria

possível harmonizar o Brasil, como um sistema tonal? Isto somente será possível, segundo Sampaio, se formos capazes através da lógica da diferença, pensar hiperdialeticamente. Esta foi a sua grande contribuição: a lógica hiperdialética. Ou seja, seria preciso aprender novamente a cozinhar no grande banquete antropofágico tendo a lógica da diferença de Luiz Sérgio Coelho Sampaio, como matéria prima. Sendo assim, o objetivo deste ensaio é: apresentar a lógica da diferença como forma de resistência ao predomínio da lógica clássica nos projetos filosóficos.

Sampaio compreendia que as tentativas de formalizar a dialética hegeliana, como deseja Cirne-Lima, ou o surgimento da lógica paraconsistente, são projetos que acabam por inibir o espírito criativo, submetendo o mesmo ao pensamento lógico-matemático, castrando a criatividade. O que seria um erro! Qual alternativa seria possível para se repensar o sistema lógico hegeliano de modo a garantir a ênfase sobre a diferença?

3 O REPENSAR DO SISTEMA A PARTIR DA REAL DIFERENÇA SITUACIONAL CONCRETA

Como observamos, são três os grandes projetos que tentam pensar o Brasil, envolvendo Ética, Lógica e Cultura, que digerem a tradição ocidental. Depois do Instituto Superior de Estudos Brasileiros/ISEB, o Brasil ficou menos inteligente, seja pela dita 'revolução', que tentou extinguir toda e qualquer forma de inteligência no país, ou a 'Nova República' profeticamente nos alertando que se abririam as portas para toda e qualquer forma de desconstrução do pensar sobre o Brasil⁴. E por isso, antropofagicamente, Sampaio se inspira no método Heideggeriano de se fazer Filosofia buscando decifrar o Ser e a destinação do Brasil.

⁴O ISEB abrigou professores e pesquisadores, entre eles grandes nomes: Hélio Jaguaribe, Sérgio Buarque de Holanda, Miguel Reale, (membro já falecido da ABF), entre outros.

Para ele, urge restaurar o grande banquete antropofágico. Para que isto ocorra, se faz necessário, antes de tudo, explicitar o que é a diferença e qual a natureza do seu pensar, que fundamenta nossa brasilidade. Desta forma, é possível restaurar e digerir os grandes projetos lógicos sistemáticos do idealismo alemão. Corrigindo-os, não de um ponto de vista de uma ética universal ou cósmica, como quer Cirne-Lima, ou ainda, matematizando o real, como deseja Newton da Costa, mas a partir da real diferença que constitui nossa brasilidade e que se mantém viva, na obra de Tobias Barreto ou no culturalismo brasileiro.

Logo, o grande projeto moderno pode ser dialético, e como lógica descendente, é possível deslizar desde os primeiros princípios até a multiplicidade dos seres, desvelando e explicitando a diversidade do mundo na História. Este projeto se inicia com: 'O Fundamento da doutrina da Ciência' de Fichte, na qual Hegel é seu filho mais pródigo. Todavia, contra o sistema hegeliano, muitas críticas foram levantadas de forma contundente e convincente. No entanto,

Já disse, com inteira razão, que, para enxergar mais longe, nada melhor do que subir nos ombros dos gigantes predecessores. Tratando-se de Filosofia, no âmbito da Modernidade, que ombros mais altos, além de sempre bem largos, haveria do que os de Hegel?! Sobretudo, o Hegel da maturidade, da Ciência da Lógica consumada, quando já convicto estava de que sua filosofia (como qualquer outra), precisando dar conta de seu próprio fundamento, teria que ser – antes e mais do que fenomenologia – uma lógica, como tão judiciosamente observa Heidegger (GUIMARÃES; AQUILES, 2002, p. 13).

Hegel sabia do déficit filosófico que é sempre necessário assumir quando se adota um projeto de sistema, a Filosofia sempre chega tarde demais para dizer o que deve ser feito. Para que haja sistema, tendo por referência o princípio da não contradição, será inevitável a eliminação gradativa da diferença dentro de um sistema lógico, impossibilitando a plena liberdade e esmagando o indivíduo como diria posteriormente Kierkegaard. Logo, a dialética pode nos conduzir ao totalitarismo político, sem deixar de mencionar a importância das críticas realizadas contra Hegel por Trendelenburg, Popper e outros. Por isso, é preciso indagar: como pode a

contradição ser o motor de um método filosófico que pretende ser coerente, compreensivo, objetivo e racional?

Newton da Costa demonstrou através da lógica paraconsistente que é possível atingir em parte este objetivo. A lógica paraconsistente consegue incluir a contradição propriamente dita? Ou ainda, está dentro do paradigma aristotélico onde somente é possível uma síntese entre proposições contrárias? Quando Newton da Costa fala da contradição, ele se refere a diagonal no quadrado aristotélico ou não? A lógica paraconsistente permite que, ao nos depararmos com uma contradição em nosso raciocínio, seja possível analisar suas causas e desfazer o que, aparentemente, pode ser considerado como contradição ou assume a contradição propriamente dita? Sampaio nos alertaria que existe outro caminho possível que pode ser trilhado através da cultura. Neste caso, não somente desfazendo uma aparente contradição, mas adotando a contradição propriamente dita no sistema que se pretende ser filosófico. Isto somente é possível se adotarmos uma medida corretiva do sistema hegeliano. Para isso, precisamos de um novo método filosófico, o banquete antropofágico:

Mas para que este cozimento possa ter sucesso, é necessário possuir a capacidade de juntar a este molho, a contradição, a diferença, a outridade, a marginalidade, ou melhor, a cultura precisa ser capaz de incluir tudo que estiver a margem do sistema, como na matemática, não pode haver resto. Isto somente é possível se pensarmos a lógica como cultura, nos capacitando a compreender os tipos de lógicas vigentes na cultura humana, que se afirmam como ideologias (lógica de uma ideia). Cada ideia ou pensar assume uma forma específica. A vida é potência, no entanto, não basta ser potente, ou se modificar, é preciso desenvolver potentemente. Em Hegel a lógica dialética é um projeto que pensa através da mediação e do desenvolvimento, mas não é capaz de competir com as lógicas clássicas que avançam em seu projeto de matematização do real. Para isto é necessário fagocitar a contradição, assim como, os macrófagos são capazes de absorver e digerir corpos estranhos.

Como é possível observar, existe um desenvolvimento onde o espírito se expressa como identidade (sujeito) e dialética (processo de reconhecimento do outro ou da diferença, mas com o objetivo de digeri-lo e submetê-lo ao pensamento racional), e por fim, a modernidade que deseja interpretar todo o real a partir dos caracteres matemáticos. Em nenhum momento, se identifica à lógica que está a margem deste processo e que se recusa a se submeter a qualquer outra forma lógica ou de pensar o real: a contradição ou a diferença. É sobre ela que devemos nos debruçar. E, somente desta forma, que a dialética pode ser reconhecida, como hiperdialética, a lógica dialética ou humana em máxima realização. E preciso alertar que não podemos cair na falácia marxista de que a história humana é história econômica:

O projeto filosófico de Sampaio é circunscrito a partir dos seguintes pontos: a) Explodir o exclusivismo da lógica formal: se ‘quisermos voltar ao cálculo, o façamos antes pensando, isto é, a serviço do homem’; b) Abandonar a filosofia enquanto Absoluto e se colocar ao lado do infinito, abrindo mão do desejo faústico: ‘de refazer a obra telúrica (ou divina, se quisermos)’; c) Assumir a posição de uma filosofia com intenções terroristas, como diria Clement Rosset, potencializando a dialética com a diferença e a tragicidade: ‘a única saída agora é pensar um rio caudaloso que faça ir abaixo a represa e seu vertedouro, ignorando todos os cálculos feitos pelos engenheiros a serviço do capital’:

Disso é testemunha a palavra de Anaxágoras: ‘No começo era o caos; depois veio a inteligência, que arruma tudo [...] Filósofos trágicos, cujo alvo era dissolver a ordem aparente para reencontrar o caos enterrado por Anaxágoras; por outro lado, dissipar a ideia de toda a felicidade virtual para afirmar a desgraça, e mesmo, na medida do gênio filosófico de que dispunham, a pior das desgraças. Terrorismo filosófico, que assimila o exercício do pensamento a uma lógica do pior: parte-se de uma ordem aparente e da felicidade virtual para culminar, passando pelo necessário corolário da impossibilidade de toda felicidade, na desordem, no acaso, no silêncio, e, no limite, na negação de todo pensamento (ROSSET, 1989, p. 13-14).

A dialética precisa conseguir pensar o pior e abrir mão de um exercício como atividade normalizadora, tranquilizadora, séria, construtora e salvadora. Para isto, é

preciso estar ao lado dos sofistas, Lucrecio, Montaigne, Pascal, Sade, Kierkegaard e Nietzsche e toda sorte de terroristas filosóficos que estão à margem do processo lógico cultural. Mas, antes de tudo, não se deve cair na armadilha de administrar nosso mal-estar civilizacional, como 'quando eventualmente acontece uma cheia, o reservatório a absorve e se ainda assim, há excesso de água, abre-se quantum satis o vertedouro é uma espécie de válvula de escape, assim, é o sonho em relação dos nossos sonhos recalçados'. Esta válvula de escape é o que sustenta a sociedade de consumo e o pastiche na pós-modernidade, na qual fomos imersos, uma armadilha que impede o avanço do rio caudaloso da História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitarmos o sistema Hegeliano, nos servindo de guia estes três pesquisadores hegelianos, Cine-Lima, Newton da Costa e Coelho Sampaio, vimos o importante papel que desempenha a diferença ao interior do sistema. Diferença esta que se depreende mesmo da forma como cada um destes pesquisadores compreende o revisitar do sistema hegeliano, seja a partir de uma formalização lógico-matemática, pela lógica paraconsistente ou pela cultura. Dentre estes pesquisadores, damos um papel de destaque a Cirne-Lima, não por sua forma de revistar o sistema hegeliano ser melhor que os demais, mas pelo seu empenho e pioneirismo em ousar pensar de uma forma diferente aquele que é o sistema que só se sustenta mediante a diferença. Parece-nos que existe um consenso de que o Brasil sempre esteve a margem da Modernidade, sendo condenado ao precário e arcaico. Desta forma, somente existe um destino: desenvolvimento econômico, social e político, dentro de um paradigma anglo-saxão, capitaneado pelas elites oligárquicas que comandam esta nação há aproximadamente 500 anos. Não há como negar a marginalidade do Brasil, mas é indigesta a argumentação de que o país e seu povo não possuem a capacidade de ingressar na Modernidade, mesmo porque, é fato que o nascimento do país ocorre junto com o

próprio surgimento da Modernidade. Não é possível ignorar a existência de dois brasis, um que está modernizado em seu litoral e consumindo os produtos da pós-modernidade, e outro que se recusa modernizar-se, como se estivesse resistindo, esperando algo maior, um momento propício para que possa se desvelar.

Entre os antropólogos já houve um enorme esforço de interpretar o fenômeno da marginalidade, desde Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Hollanda ou Roberto Da Matta, que fracassou devido ao caráter ideológico adotado pelos mesmos. Na esquerda, a marginalidade é substituída pelo sujeito coletivo. Na direita, pelo sujeito romântico em busca do capitalismo perfeito, obedecendo à lógica da eficiência e do sucesso. Será possível uma saída lateral? Em termos de viabilidade, a única saída se encontraria na produção de uma crítica da cultura, desbloqueando e relativizando a Modernidade. Parafrazeando Sampaio, é importante dizer que a marginalidade na História do Brasil pode ser compreendida como sendo uma forma de resistência ao desenvolvimento anglo-saxão, e, por isso, propositalmente, ela se coloca a margem, tornando-se marginal. Resta à Filosofia brasileira escolher duas opções: o luxo ou originalidade:

A cultura dominante, mostra insistentemente todos os meios de comunicação de massa, em especial, a TV, já hoje finge ser sua própria posteridade, finge-se pós-modernidade, e tenta a todos seduzir ofertando a vida eterna aqui mesmo na terra através dos poderes cada dia maiores do que ele jocosamente chama bio (piro) tecnologia. E, quando desesperada, ela irá, como no Velho e o Novo Testamento, ordenar a degola dos nossos terroristas recém-nascidos onde, a seus cálculos, estes possam ser para ela mais perigosos” (GUIMARÃES; AQUILES, 2002, p. 25).

Pensar o Brasil sistematicamente somente é possível se compreendermos que a cultura da sociedade brasileira surgiu a partir da sistematização de uma utopia luso brasileira de cunho político-religioso e que está entrelaçada a partir do pensamento milenarista de Joaquim de Flora (Franco & Mourão, 2005). Para o pensador franciscano, a História possui uma positividade que irá inevitavelmente nos conduzir a uma terceira idade, uma síntese final, onde o Espírito irá superar e guardar, elevando

o carnal, expressão do feminino, a um estágio superior, que segundo Natalia Correia⁵, escritora e pensadora portuguesa, consiste no reino do Espírito Santo onde todos os deuses seriam aceitos, o retorno do politeísmo. Enfim, os deuses retornariam depois de seu longo exílio, eliminando dicotomias, atingindo a unicidade e o presenteísmo do Espírito. Importante dizer que a doutrina joaquimita influenciou historicamente, mesmo que recebida de forma deturpada, o pensamento reformista protestante, ou o romantismo alemão e, ainda, Hegel e Marx, que proclamam um fim último de todo o longo processo histórico agônico do homem.

Natalia Correia defendia a tese de que seria a desconstrução de uma religião triste e cruxificada, uma descruxificação, em nome da alegria e lucidez, recuperando a imagem dos amantes que se reconhecem no corpo do outro descrito no livro de Salomão: Cântico dos Cânticos. O arquétipo desta Nova Era, que se anuncia, tem por tipo ideal o andrógino de Platão, representando a idéia de plenitude, uma Fátia, segundo Natália Correia. Nesta nova realidade, Pátria e Mátia são superadas e guardadas no Espírito Santo.

Quem conduz este projeto é o significado, que carrega o conceito do Espírito Santo, que enquanto símbolo, busca realizar um governo do Espírito. Seu alicerce se constitui em sincronia com o imaginário social hedonista e corporal, ao contrário da cultura reformista e patriarcal da cultura puritana, afirmando o envolvimento profético e se negando a participar do processo de desenvolvimento retilíneo e positivista que somente a racionalização moderna seria capaz de impor (Franco & Mourão, 2005). Exponentes brasileiros, como Cirne-Lima, foram capazes de interpor uma forma alternativa na leitura do sistema hegeliano, ao interno do próprio sistema, no intuito de clarificá-lo e torná-lo fluído, de modo que seja capaz de avançar e, assim, ultrapassar os umbrais da modernidade.

⁵ Nasceu em Ponta Delgada, nos Açores, a 13 de setembro de 1923, e faleceu a 16 de março de 1993, em Lisboa.

REFERÊNCIAS

- CIRNE-LIMA, Carlos Roberto. **Dialética para principiantes**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- CIRNE-LIMA, Carlos Roberto. **Depois de Hegel**. Caxias do Sul: EDUCS. 2006.
- FRANCO, José Eduardo; MOURÃO, José Augusto. **A Influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa**: escritos de Natália Correia sobre a utopia da idade feminina do Espírito Santo. Roma: Lisboa. 2005.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friederich. **Ciência da Lógica**: Volume 2. Tradução de Iber, Christian G. e Orsini, Frederico. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friederich. **Fenomenologia do Espírito**. 9.ed. Tradução de Meneses, Paulo. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- ABE, Jair Minoro; COSTA, Newton da; SILVA FILHO, João Inacio da. **Lógica paraconsistente aplicada**. São Paulo: Atlas, 1999.
- LUFT, Eduardo. Nos passos do mestre. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, Ed. 261, p. 6-8, jun. 2008. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1858-eduardo-luft-2>. Acesso em 20 fev. 2023.
- MARGUTTI, Paulo Roberto. Cirne-Lima. Defensor de uma posição única no debate filosófico. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, Ed. 261, p. 9-11, jun. 2008. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1858-eduardo-luft-2>. Acesso em 20 jun. 2023.
- SAMPAIO, Luiz Sergio Coelho de. **Filosofia da cultura Brasil**: luxo ou originalidade. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.
- SAMPAIO, Luiz Sergio Coelho de. **A lógica da diferença**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- ROSSET, Clément. **Lógica do pior**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.